FOLHETO
Nº 086
DATA 25/11/02

ROBÉRIO BRAGA

BENJAMIN BITTENCOURT

Discursos

MANAUS
1981

COLEÇÃO ACADÊMICA

Discursos

ROBÉRIO BRAGA

BENJAMIN BITTENCOURT

COLEÇÃO ACADÊMICA

Discursos

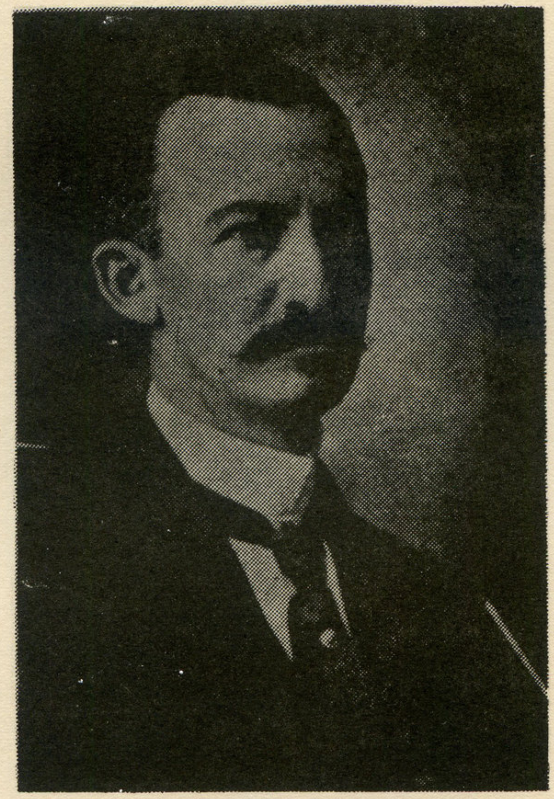
(Separata da Revista do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, Vol. IX, nº 1, 1977, com nota informativa)

BIBLIOTECA ARTHUR REIS
MANAUS - AMAZONAS

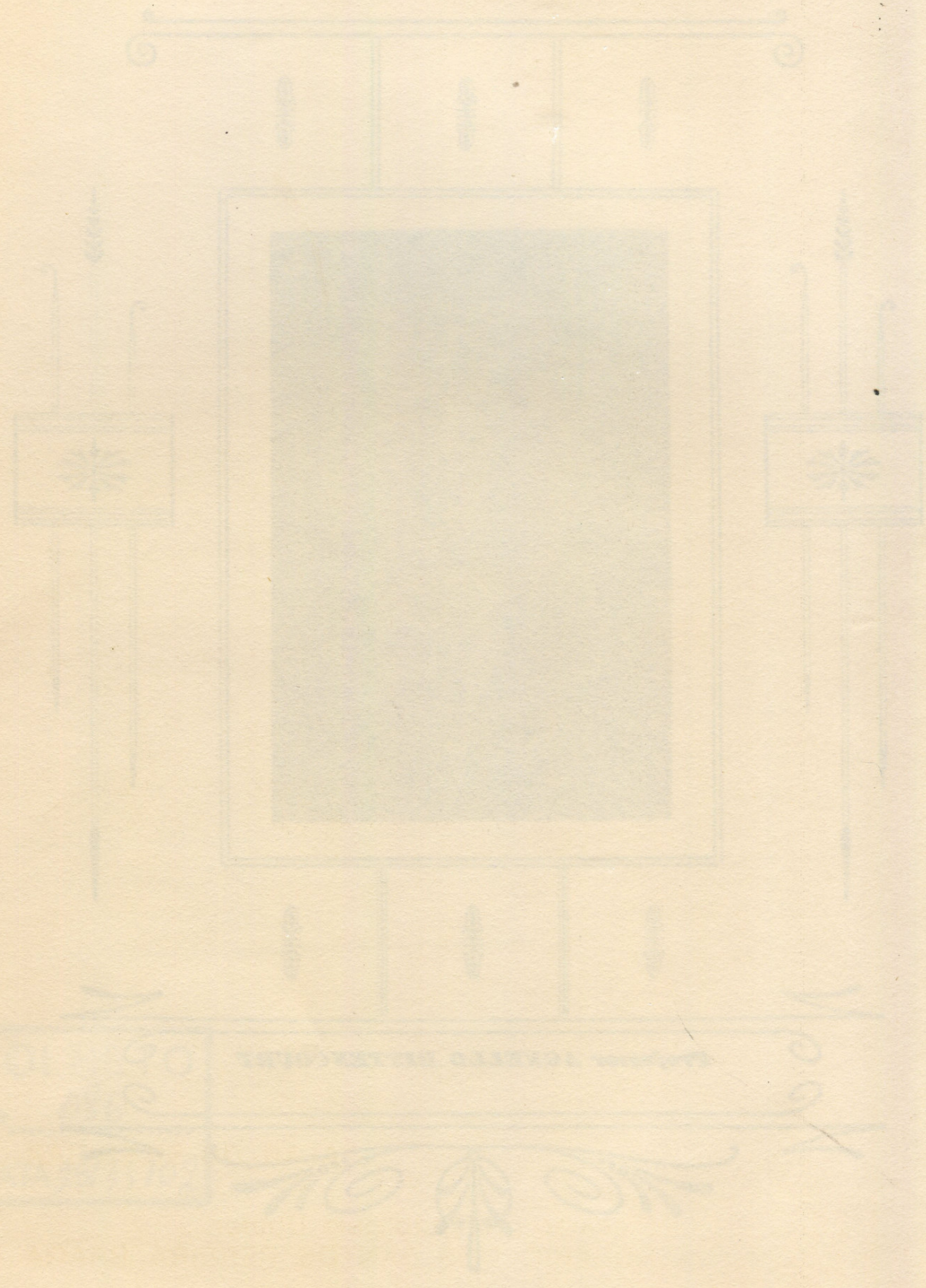
INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DO AMAZONAS
em convênio com
GOVERNO DO ESTADO/COMISSÃO DO PATRIMÔNIO
SUFRAMA/FUA/SEDUC

FOLHETO
Nº 086
DATA 25/11/02

Instituto Geographico e Historico do Amazonas



Professor AGNELLO BITTENCOURT



FALAR OU SILENCIAR

Discurso proferido pelo Doutor
ROBÉRIO DOS SANTOS PEREIRA BRAGA

"O culto da família que foi a primeira religião do homem, deve manter-se no coração de todos, porque é ele que estabelece a solidariedade entre os membros da mesma casa, perpetuando a honra de um nome pelos tempos adiante"

Autoridades

Senhor Professor AGNELLO BITTENCOURT, ouça-me, como pela vez primeira, nos meus 10 anos de idade, a saudá-lo no Instituto de Educação. Ouça-me com a atenção de pai, a compreensão de amigo, o carinho de professor. Ouça-me neste canto sem grandes sinfonias ou toques de harpas. Ouça-me e entenda meu canto de saudade, partido da poltrona que é sua neste Cenáculo e que não será um contar de sua vida toda por traços biográficos, nem um apresentar de fatos e atitudes nobres que dignificaram seu nome.

Não, Senhor Professor, não vou contar aqui e agora, suas gestões na direção da Instrução Pública, da Prefeitura de Manaus, nem evidenciar a grandiosidade da obra Asilo Dr. Thomas, nem o valor incontestável da Escola de Comércio "Solon de Lucena", nem dizer que os caminhos que já percorri, como todos os amazonenses, tem muito do seu dia a dia nesta Manaus, porque me iniciei no Grupo "Antonio Bittencourt", passando pelo "Marechal Hermes" em cujo prédio funcionava o Solon de Lucena e cursei o Instituto de Educação que em tempos outros serviu de teto a seus estudos e abrigo às aulas magníficas que proferiu, e aqui cheguei, no vibrar dos meus 21 anos.

Não ilustre Mestre, aqui não vim para mostrar que o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, a Prefeitura de Manaus, a Academia Amazonense de Letras, a Benemérita Maçonaria Amazonense têm muito do seu vigor, organização e trabalho. Não vim a isso porque seria contar o que todos já conhecem desde que souberam as primeiras letras. Vim dar uma mensagem de coração, de espírito, mostrando o que embora já bem conhecido e admirado caráter, o bom senso, o amor

ao próximo e a dedicação à família, a Deus e a Pátria, precisa ser sempre relembrado como exemplo aos que chegam por estas horas da vida para que possam pautar suas atitudes todas no exemplo modelar de quem soube ser um gênio com humildade, o santo sem mistificação, um justo sem julgar, um estudioso por dedicação aos livros e às pesquisas

Vim para uma conversa espontânea como uma "Conversa de vime" em aconchego doméstico de varanda, e como um dos mais jovens, para clamar a última lição do Mestre.

Falar ou silenciar?

Um discurso ou uma prece?

Temo não encontrar a imagem perfeita, o vocábulo ideal trazendo palavra pequena, diminuta até, ante a beleza tão grande desta festa, declarando, mais uma vez, a inanimidade da palavra — Inania Verba".

Volver as páginas da História do Amazonas e falar de AGNELLO BITTENCOURT seria preciso trazer flores de retórica, fazer o homem maior que a palavra, os adjetivos tornarem-se quase sempre, pleonásticos. Virtuoso e puro como a pureza o vulto eminente faz do artesão uma dificuldade só, mas, porque devo falar e continuarei falando, perdoe-me o Mestre, perdoem-me quantos me dão a honra e demonstram paciência de me ouvir.

Somos uma família que se senta à mesa para render o seu culto, numa expansão pública de afeto, àquele que, dentro dela, pela desambição, pela nobreza de atitudes, pelo amor ao bem público, foi o seu mais expressivo membro, dirigente dedicado, fundador entusiasta.

Somos uma família que não distingue pensadores, atribue verdade a todos, aplaude toda erudição, avançada no tempo e no espaço, ou voltada para o passado, qualquer, tem admiração e acatamento. Somos uma família consciente de que o ambiente mental que atravessamos, reflete a ansiedade eterna do homem perante o universo. Somos uma família criada pela mão, pelo afeto, pelo senso de organização do Professor ... AGNELLO BITTENCOURT, dele recebendo as grandes lições mensagens de crença no progresso e que, pelos mais antigos nos tem chegado e feito embalar as esperanças e os trabalhos diários no Instituto Histórico.

Somos uma família feita à semelhança da sua. Mestre como o homem foi feito à de Deus. Com honra, dignidade, altivez, elegância, dedicação aos estudos, amor ao próximo, recebemos de ti, e pelos homens de antanho, a força para o labor diário da conservação da memória histórica do Amazonas.

de sustentar o Instituto como força atuante na comunidade e difundir a tua memória, por justiça.

Somos uma família na qual também as emoções intensas e profundas de prazer ou desgostos, alegria ou dor, produzidas pela verdade, pelo belo, pelo bem ou pelo mal, fatais, móveis e expressivas, constituem capítulo da sensibilidade geral, não se localizando, todavia, aqui, ali, ou acolá, mas, em todos nós na alma inteiriça do Instituto, que vibra conjugada ao objeto da admiração e se transforma não no "meio dos escuros e tortuosos meandros" a que se referiu HERCULANO, mas em novas forças vivas e espirituais, para continuarmos na luta da vida de dedicação aos mais jovens, como o fizestes, porque a eles pertencem as almas dedicadas à cultura, e a história

Assim como ante uma obra prima de Rafael não é a perfeição material das cores que desperta o sentimento de admiração, porém, a ordem, a harmonia, a beleza, o esplendor racional de Santo Agostinho supostamente já conhecido da inteligência, ato logicamente anterior, fugidiço à materialidade assim também, nos encontramos todos, diante das tuas obras dadas à público em várias ocasiões da vida do Estado, enfocando temas dedicados, todos, à cultura, pesquisa geográfica, temas de aconselhamento, de apresentação do autêntico homem da amazônia, tudo com "espírito crítico, regido por soberbo bom senso de equilíbrio, por perfeito domínio das idéias, e movido por uma visão da vida através da obra alheia e, também, por uma concepção da obra alheia através da vida — isso no dizer de Genesino Braga, como um "homem de luta e de verdades contra os fabulistas e salteadores de nossa majestosa Planície Verde", na opinião de Mendonça de Souza.

O nome — Agnello Bittencourt dizemos nós, — é um símbolo, um programa, uma glória, porque dos da sua ordem exigem-se, probidade, desinteresse, independência, devotamento. labor incessante, ciência profunda, deferência respeitosa. Para Mestre, iluminado como foi, nada tinha segredos, nem a ciência nem a eloquência, falada ou escrita. Caráter rijo, as normas de caráter profissional sempre foram imperativos categóricos e sempre escrupulosamente executadas. Não há quem o desconheça, tudo com ele se transforma com harmonia; o torvo, o intrincado, o limo, o barro, pelo crisol de um espírito brotando em luz bem cristalina.

Desde moço, nesta época da vida em que as ilusões generosas e o ardor patriótico geram as ambições nobres e as ambições legítimas que impelem o homem a desempenhar um papel cada vez mais elevado e mais brilhante na vida, foi

sempre, a todos os olhos, prudente e dedicado à causa da educação. Soube, desde cedo e sempre, resistir, pela formação, à necessidade de agradar, e por isso o seu aplauso ou reparo, sempre foram de incomparável valor. Sabia e professava que a educação em seu verdadeiro e mais nobre aspecto consiste em restrear e dirigir, sem deformar, mas, socializando, superiorizando, sublimando, o desenvolvimento da personalidade do educando; antes de tudo, como na medicina, não fazer mal, fazer sempre o bem, que na educação consiste em dar às virtualidades de cada indivíduo que formam a trama de sua personalidade o ensejo de sua realização; em erigir valores do polipsiquismo juvenil; em suscitar prestâncias das hesitações prometedoras que fazem o encanto das idades verdes; em convocar as faculdades inatas para o fim da vida, vendo em todos a possibilidade de uma obra prima.

Nas eminências das cátedras, nos fastígios da ciência, nas manifestações de uma atividade intensa, brilhante e proveitosa, sempre foi deste modo.

Para ele, é o que nos ensina sua vida toda, suas obras, suas atitudes em diversas passagens dos seus 99 anos terrenos, o homem labuta, sofre e lida, e do fundo de suas mágoas, do fundo de suas incertezas humanas, eleva o coração para o ideal das verdades mais santas, simples e geralmente esquecidas, olhando para dentro de si mesmo, primeiro que tudo, e vendo quão formosa é a humanidade. Compreendeu e difundiu muito a lição do trigo e do pássaro, da asa e do pão, a lição das cousas eternas, na vida que frutifica e no espírito que engrandece. Olhou sempre para essa terra formosa nas suas aparências, pelo esplendor de sua extensão, risonha, convulsa, altaneira, majestosa, céus, que desdejam sóes inclementes, que espalham a melancolia mística dos luares e que impõe a paz no estrelejamento misterioso das noites; rios varando barrancos ou espraiando-se nas várzeas; florestas que se entrelaçam na eternidade das sombras e dos seus mitos, e tudo sonoro, na orquestração dos pássaros todos; iluminado na cambiante de todas as cores, tintas que o céu derrama na alegria das manhãs esplendorosas e na suntuisidade dos crepúsculos purpurinos; olhou sempre a Amazônia desta forma, afirmando que o homem desta terra, sorria seu grande descobridor, sem mistérios, lendas ou estórias fantásticas, porque faria tudo com amor ao solo, sentindo no roçar de cada gleba a cultivar, o florescer de uma vida tão amazônica, pelo suor e pelo trabalho, quanto a de mata virgem

Pregou, para esta terra que sempre viu com os olhos de longa vida e constante fé no seu futuro, dias de realização ple-

na, levada a cabo por seus filhos, aqui nascidos ou para ca trazidos pela esperança, doce brisa que acalenta os bons, os obreiros das grandes jornadas.

Em realidade, para que se possa conceber a extensão do seu valor nas dimensões que se conhecem entre os semeadores da verdade e da beleza, bem justo é que se invoque neste instante memorável a figura do herói e do santo, do guerreiro e do artista, Francisco Xavier, o Apóstolo das Indias que, toda a vez que se dirigia em cartas a Santo Inácio de Loyola, punha-se invariavelmente de joelhos a fim de que as palavras ficassem repassadas, de pureza e doçura, de humildede e de fé, e venha, agora de nossa parte a posição da alma genuflexa, para a lembrança de quem na terra sempre teve o nome declinado sobre profundo respeito e admiração e ora se aclama, no centenário, com o peso da saudade.

Não seria bem o coração que falasse o idioma do reconhecimento puro, mas o espírito que buscasse entre os louvores altos o que em verdade coubesse ao trabalhador que não descansou no trabalho, ao semeador que não quis esconder a sua semente e saiu a semear com a santa alegria da jornada santa. A história conservou-lhe o nome entre as figuras veneráveis que fizeram a grandeza do Amazonas,... Nunca cedeu um milímetro de seus planos no apostolado cívico a que se dedicou, do ministério patriótico. Dos jardins da educação e cultura foi o jardineiro perfeito, o jardineiro do ideal, o jardineiro fiel, e tanto mais se escondia na modéstia da vida pacata, tanto mais se engrandecia ante a admiração de todos os seus patrícios, deixando em relevo os primores de seu espírito e de sua cultura, de sua inteligência e de seu caráter, de seu labor nunca desmentido, do seu senso patriótico, em dedicação silenciosa, mais rica, riquíssima de frutos e vitórias, para o futuro que é o hoje que nós vivemos. Em tons quase que verdadeiramente proféticos, sempre lutou pela preservação dos jovens na sua dignidade de homem, na pureza de seus sentimentos, na riqueza dos seus ideais, na constância de sua fé, formando cartilha de honra na qual existia o perdão com ternura, sem ódio nem rancor, mas cuidadoso no sentido de recuperação do valor perdido. Repugnava-lhe, à sensibilidade, as formulas de tripúdio, de encarneamento público. Suas armas, se tivessem de existir, seriam a persuassão. o.exemplo,.a generosidade.

Na intimidade e no trato comum da vida era de encantadora simplicidade. Pela austeridade de seus costumes é tão respeitável em sua vida particular quanto pela justiça e correção de seus atos na vida pública, à qual prestava ainda o

serviço de contrapor aos desmandos de seu tempo um procedimento ilibiado. Jamais a atitude de chefe de família desmentiu a do homem público, do professor, do historiador ou geográfico, esforçando-se no sentido de fazer de seus filhos homens probos e dignos, capazes de vencer na vida pelo seu próprio esforço e mérito.

Cultivava com desvelo os seus amigos conservando todas as amizades em quaisquer profissões ou classes sociais em que encontrassem. Era uma amizade sempre atenta e pronta a servir, bem poderia, agora, estar a dizer — repetindo no idioma do Lácio, ou Camões, palavras do Apóstolo das Gentes — "eu combati o bom combate; terminei minha carreira, conservei-me fiel aos ideais de liberdade, justiça e fraternidade, eis porque me encontro agora, acompanhado de tantos amigos que ma fazem justiça, ou como ele mesmo disse certa feita, "tendo feito, o trabalho que vale a pena que é o que se faz com a alma serena".

O que terá havido com a sua morte?
Enterro ou procissão? Longa viagem de estudos?
Triunfo de um conquistador das letras e do espírito?

Incorporou-se por certo, àquele invisível Coro, formado de mortos que ressuscitam em ânimos por eles melhorados e vivem num pulsar só, dirigido a generosos fins, em nobres feitos de ousada retitude e em remontado vôo de sublimes e claros pensamentos, que da noite os negrumes atravessam e quais fossem estrelas resplandentes, e cujo eluzir, constante e brando, a mais dignos vastos horizontes inicia sem cessar a busca humana, a encher o mundo de imorredoura música soante...

Estamos a espera desta tua nova caminhada, Mestre Agnello Bittencourt, e já parecemos ouvir, embora tão aquém deste possante espírito, quem dele canta valores, esplandentes glórias; tão aquém deste empolgante espírito, quem lhe empresta fulgor à criação, ofuscantes louros; tão aquém de todas elevações espirituais, quem senta-se à poltrona de teu nome, mas, contudo, todos nós aqui, da mesma santa família da história e da amizade verdadeira, elevamos nossos pensamentos às alturas fecudas do teu espírito paternal, aproximando a a inteligência, pela palavra, da paz dos justos já que o corpo material não o pode fazer, e, maravilhados a pedir e a esperar contrários, numa oração só, ungida de saudade e coroada de flores do amor e da benção em saber que haveremos de

receber de ti, um dia, uma última lição e fazemos de nossos pensamentos, crendo na metamorfose das flores orvalhadas um esperar só, para que nos venha a sagrada e final lição da tua elegância e sapiência.

Estamos à esperar e embora ainda não saibamos o que terá havido com tua morte, e até porque não acreditamos que ela tenha havido, esperamos ávidos, teus discípulos eternos, a magna aula que por certo virá rodeada de bons exemplos da vida terrena e assistida também por quantos ta receberam nas alturas em nome do Grande Arquiteto, ansiosos que estavam de rever o Mestre e sentir com ele as lições mais novas porque daqui já se haviam elevado.

Virás, bem o sabemos, e quando aqui chegares para uma conversa em família, dirás da beleza dos novos mundos, e contigo, em passeio de sons maravilhosos, de cantares de uirapuru e rolar de águas macias do Ayapuá, virão os santos e os puros, os justos e os obreiros maiores da fé, da dignidade, da Pátria, de Deus e da Família.

Virás, bem o sabemos, e quando aqui chegares, nos encontrarás em plena ação de trabalho em favor dos pobres e anciãos, dos jovens e estudantes, da Geografia e da História, da verdade e do espírito, professando a tua vida.

Virás, e quando aqui chegares, teremos a honra e a alegria redobrada de receber-te com os aplausos de gratidão, sem as lágrimas da saudade e com o coração transbordante de amor porque não faremos nunca de tua vida um Jerusalém de nossa própria vida e não buscaremos outra imagem que não a tua e mesmo que só nos reste saudade, esta será a nossa forma de ressurreição.

Por isso, senhores, que não sei o que fazer nesta noite de sentimental encontro com o Mestre. Falar ou silenciar? Um discurso ou uma prece?

Discurso proferido pelo Doutor
BENJAMIN UCHÔA BITTENCOURT

Autoridades:
Minhas Senhoras
Meus Senhores

Nas galas desta noite e das festividades em que o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas lidera as comemorações do centenário, hoje transcorrendo, do nascimento do Professor Agnello Bittencourt, embora intimado pela responsabilidade de me dirigir a tão luzido auditório, para, em nome da família Bittencourt, expressar agradecimentos pela magnitude e pelo carinho destas homenagens a nosso Patriarca, não sinto — confesso-o — qualquer constrangimento ao endossar sem pieguismo, o tom encomiástico unânime das alusões a meu pai.

Este ambiente físico me é extremamente familiar, pois, desde muito criança o freqüentei habitualmente, trazido por Mestre Agnello; falar sobre o homenageado é uma honra; e considero sempre um fino privilégio evocar sua esplêndida figura humana.

Por ocasião de sua morte ainda recente, aos noventa e oito anos e meio de idade, foram tais a qualidade e quantidade de manifestações escritas ou faladas, constituindo uma valiosa e brilhantíssima poliantéia, que me dispenso agora de um exame descritivo de sua vida e de suas atividades.

Mas, sobre alguns aspectos, em termos gerais e rápidos, entendo pertinente o depoimento de mais um de seus filhos.

...

Se se observar atentamente uma certa fotografia de 1880, nítida embora amarelada pelo tempo, ver-se-á o então jovem amanuense Antonio Clemente Ribeito Bittencourt, ladeado por seus dois filhos mais velhos, um dos quais, de quatro anos de idade, apoiado sobre o joelho paterno e envergando, à inglesa, uma jaqueta Norfolk. Era o pequeno Agnello de olhar atento e sério, mas, naquela plantinha tenra e de boa cepa, ainda não se poderiam vislumbrar os prenúncios daquele que, bem mais tarde, seria sistematicamente comparado, em metáfora de espontânea e natural ocorrência, às árvores

seculares de grande porte — cedro, samaumeira, jequitibá, aquariquara, castanheiro.

Vertical e imbatível, resistente aos ventos fortes e às intempéries da natureza, plantado firmemente em suas raízes rijas e profundas no solo de sua terra sempre pôr ele bem amada, Agnello soube e pôde constituir um exemplar raro, nobre, e por isso inesquecível, de **mens sana in corpore sano**

Dizia Chateaubriand que não há grande homem para seu **valet de chambre**. O professor Agnello foi uma exceção, como podemos testemunhar os que privamos com ele na intimidade doméstica. De pijama, tinha a mesma dignidade e o mesmo natural **aplomb** de quando usava terno, fraque ou casaca. Dirigindo-se a um filho ou a um empregado doméstico a um amigo, a um aluno, como a um Presidente da República ou a um Governador, jamais distinguiu — a todos tratava com a mesma cortesia **ancien régime**, o mesmo respeito, a consideração permanente que dispensava a qualquer interlocutor. Era sempre, em suma, o mesmo homem, como soube sê-lo no tempo.

O velho Agnello, integral na sua longevidade, até ao fim conservou o porte físico e espiritual do moço.

Nos diversos artigos publicados após sua morte, em cada um se nota o registro de um fato diferente, todos dando conta de passagens nobilitantes, a traduzirem a bela conformação de seu caráter.

Também peço vênia para trazer à tona um desses fatos

Teria eu uns 9 ou 10 anos quando, certo dia, ao chegar meu pai em casa (lembro da cena com exatidão, como se a estivesse vivendo hoje), no momento em que colocava no cabide seu chapéu e sua bengala indefectíveis, eis que uma das empregadas, bem próximo a ele, escorrega no assoalho encerado e cai, derrubando e espatifando uma preciosa sopeira antiga de um serviço de Limoges, com monograma. Rapidamente meu pai segurou a moça pelo braço e ajudou-a a levantar-se, perguntando aflito se ela se ferira. Nenhum corte, apenas o susto. Mas, nessa hora, acorreram diversas pessoas da casa e começaram com certa algazarra a censurar a empregada e a reclamar a perda da sopeira estilhaçada. Com voz enérgica, o chefe da família impôs silêncio e ponderou que o objeto quebrado, com suas iniciais e de sua propriedade, não se recuperaria com tumulto ou lamentações. Um primeiro prejuízo material estava consumado, era irreversível. A extensão do fato na mente das pessoas implicava num segundo prejuízo, de outro tipo, e este se deveria evitar, como, aliás, se fez.

Moraes, Adriano Jorge, Leopoldo Péres, Benjamin Lima, José Rebello Correa e tantos outros.

Todavia, vendo aqui reunida praticamente toda a plêiade dos novos valores intelectuais do Amazonas, não deixamos de sentir a presença daquela constelação que, tendo partido, no entanto permanece, perpetuada em nossa memória, como estará na dos nossos pósteros.

São dos que "por obras valerosas, se vão da lei da morte libertando".

Ao homenagear Agnello Bittencourt, ao lembrar a grandeza de sua vida e de sua obra, também os homenageadores se engrandecem, porque, na justiça e na nobreza de seu gesto no carinho e na espontaneidade das festas que promoveram estão, em sentido lato, dando diretamente ênfase àquela qualidade espiritual ampliadora da vida, **ad aeternum,** para além dos limites da existência material.

...

Não poderia eu finalizar uma evocação da figura de Agnello Bittencourt, sem reproduzir um trecho seu, bastante significativo na circunstância em que foi elaborado.

Meu irmão Ulysses e eu almoçáramos com ele, quando lhe trouxe o Correio, em 19 ou 20 de maio de 1974, a comunicação de que seu nome fora escolhido para Presidente Perpétuo deste Instituto. Lida por nós a missiva, deitou-se ele na rede, como de costume, para uma breve sesta. Logo, porém, nos chamou e pediu que conhêssemos sua resposta.

Tomei da caneta e do papel e fui transcrevendo o que me ditava, da maneira mais límpida, aquele ancião de 98 anos.

O texto, rigorosamente foi o seguinte, para entusiasmo e orgulho crescentes do Ulysses e meu:

Ao Exmo. Sr.
Desembargador André Vidal de Araújo
M.D. Presidente do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas
Rua Bernardo Ramos 117/131 — Manaus — AM
Rio de Janeiro — GB, em 21 de maio de 1974.

Senhor Presidente

Com profunda emoção, acabo de receber o Ofício IGHA n.º 088/74, datado de 22 de abril último, em que o ilustre Secretário-Geral do Instituto, Sr. Comendador Junot C. Frederico, me comunica a honrosíssima escolha de meu nome para PRESIDENTE PERPÉTUO desse Sodalício, bem como o do nosso eminente Prof. Arthur César Ferreira Reis para VICE-PRESIDENTE PERPÉTUO, cargos honorários, ambos criados no artigo 68 dos novos Estatutos, por indicação da Diretoria

presidida superiormente por Vossa Excelência, com aprovação de Assembléia Geral Extraordinária, reunida especialmente a 3 de março passado.

É esta mais uma prova de fidalguia e de solidariedade, apanágios permanentes da gente generosa de nossa terra e, em particular, dos amigos dedicados com que muito me orgulho contar no Instituto.

Já disse certa vez, e aqui repito, que toda a minha vida se pautou pelo magnífico exemplo de que me serviu sempre o Amazonas, em seu povo, em sua flora e sua fauna.

Desde cedo observei, em nossa hinterlândia, o sentido de união e de solidariedade que se nota em tudo — nas aves e peixes que migram em bandos e cardumes, para segurança coletiva; na "pestana" da floresta, que a defende do invasor, ou no entrelaçamento quase compacto das copas das grandes árvores, ajudando umas às outras em sua sustentação vertical; no caboclo a colaborar, sorridente, com seu companheiro, nos animados "ajuris" ou na execução de algum qualquer serviço mais árduo, na pesca ou na derrubada da mata.

Tudo isso conheci de perto e bem, vendo e participando, haurindo forças e exemplos da natureza prodigiosa de nosso meio-ambiente, tão pujante, como se a mão de Deus ali se houvesse detido com maior intensidade, porém, concedendo a cada detalhe uma graça própria, uma ciência adequada a sua sobrevivência. Há, de um lado, os rios de fantástica imensidão, as gigantescas árvores seculares, as feras de grande porte, mas, de outro, a vitória-régia, as delicadas flores silvestres, os pequenos pássaros canoros. E tudo convive.

Lombro-me ainda de que sempre me impressionaram as samaumeiras altíssimas, a cuja grandeza e verticalidade a natureza forneceu, para sustentá-las, as raízes adventícias apropriadas, as vigorosas "sapopemas".

Em Paris, no começo do século, quando visitei pela primeira vez a Catedral de Notre Dame e vi os suportes exteriores do majestoso edifício gótico, os "arcos-botantes" com que a inteligência dos arquitetos da época fazia a sustentação da obra, pensei comigo — são as "sapopemas" do prédio.

Neste exato momento, ocorre-me que as imagens dessas lembranças se conjugam na evocação do Instituto — força de nossa terra, tal qual a samaumeira, também como a grande árvore se eleva e avulta no horizonte planiciário; e, como uma catedral, também é um templo, embora secular, nascido da fé no porvir e destinado ao culto das nossas tradições maiores.

Hoje, é agradável dizê-lo, os homens como Vossa Excelência e os demais componentes da sua atual Diretoria, são

as "sapopemas", ou os "arcos-botantes" do Instituto, a sustentá-lo, firmando-o sempre e cada vez mais no solo amazonense e no conceito dos nossos conterrâneos.

Próximo já do centenário, quando, aos noventa e oito anos de existência, sinto que as forças vitais começam a fugir-me, que belo, alto e nobre alento me dá o Instittuo, por meus pares, nesta honraria!

E quanta satisfação íntima em constatar que, de uma pequena semente, nasceu e cresceu uma soberba árvore, plantada por um grupo de idealistas, além de mim, entre os quais me honra citar os nomes de Bernardo Ramos, Vivaldo Lima, Antônio Bittencourt e tantos outros.

É por tudo isso que, em termos de amor ao Amazonas, me encanta constatar que servi umas onze vezes mais que Jacob a Labão, pai de Rachel, e — pedindo licença para fazer minhas as palavras de Luiz de Camões — "mais servira se não fora, para tão longo amor, tão curta a vida".

Rogo a Vossa Excelência que, em seu nome e no de todo o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, receba os protestos de particular estima, admiração elevada e mais profunda gratidão de minha parte.

Ex corde

Agnello Bittencourt

...

Autoridades, Senhoras e Senhores — esta festa transcende ao mero atendimento da máxima latina de que **de mortuis nihil nisi bonum.**

Ela honra a memória de um dos vultos não apenas mais nobres e operantes, como dos mais queridos do Amazonas.

Por minha palavra, a família Bittencourt, extremamente sensibilizada, a todos agradece.

NOTA INFORMATIVA

A Sessão Solene de 14 de dezembro de 1976, comemorativa do 1.º Centenário de Nascimento do Professor AGNELLO BITTENCOURT, Fundador do Instituto Histórico e ex-Presidente da Diretoria e Presidente Perpétuo, foi realizada em sua sede, na rua Bernardo Ramos, Salão D. Pedro II, às 20 horas, sob a Presidência do Comendador Ildefonso Pinheiro, sendo os trabalhos coordenados pelo Dr. Rodolpho Guimarães Valle, 1.º Vice-Presidente. A solenidade foi realizada conjuntamente pelo Instituto, Academia Amazonense de Letras, Prefeitura Municipal de Manaus, Secretaria de Estado da Educação e Cultura e Maçonaria Amazonense, entidades a que o ilustre homenageado dedicou a sua inteligência.

Estiveram presentes autoridades constituidas e ilustres personalidades, como, Dr. Moacir Rosas, Jornalista Epaminondas Barahuna, Professor Samuel Benchimol, Dr. Ulysses Bittencourt, Dr. Hélio Lima, Comendador Alfredo Ferreira Pedras, Prof.ª Maria de Nazaré Nogueira Xavier, Prof.ª Maria do Socorro Farias Santiago, Pintor Afrânio Castro, Desembargador Mário Verçosa, Dr. Barros de Carvalho, Jornalista Paraguassu Pinheiro de Oliveira, Dra. Ignês de Vasconcellos Dias, Sra. Vivaldina Bittencourt, Jornalista Genesino Braga, Sr. José Veloso, Dr. Onesmo Gomes de Souza, Prof. José Arimathéia Cavalcanti, Dr. João dos Santos Pereira Braga, Dr. Telamon Barbosa Firmino, Dr. Roberto Simonetti, Jornalista Milton Cordeiro, empresário Vicente Nogueira, Sra. Maria José Antunes Botinelly, Sr. Francisco Cruz, Dr. Jayme Pereira, Sr. Flávio Bittencourt, Artista Alvaro Páscoa, Sra. Maria Amélia Costa, Sra. Isabel Redenção Pinheiro, Economista Frank Abrahim Lima, Prof.ª Ana Amélia Bittencourt Vieira, Sra. Mirtes Bittencourt, Sra. Tertulina Bittencourt Botinelly, Luis Carlos Antunes Botinelly, Dra. Isa Braga, Sra. Carmem Miranda Oliveira, Sra. Regina Páscoa.

Usaram da palavra o Dr. Rodolpho Valle, abrindo a solenidade, o Dr. Robério dos Santos Pereira Braga, na qualidade de Orador Oficial do Instituto e o Dr. Benjamin Bittencourt, agradecendo em nome da família do homenageado.

No Salão da Diretoria, foi organizada uma exposição documental da vida e obra do Professor Agnello, que foi intensamente visitada, com publicações de sua autoria e inúmeros objetos de uso pessoal e de família, que foram trazidos especialmente para o evento.

A Grande Loja do Amazonas, fez publicar por iniciativa do seu então, Sereníssimo Grão-Mestre, Dr. Rodolpho Guimarães Valle, um folheto especial abordando as inúmeras atividades públicas e intelectuais do grande Mestre.

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO DO AMAZONAS
RUA LEONARDO MALCHER N.º 1189 TELEFONES: 232-4177 — 232-4176 — 232-4175
232-0772 — TELEX (0922) 441 — MANAUS-AMAZONAS — Governo: JOSÉ LINDOSO

Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO
TRABALHO QUE TRANSFORMA

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS
https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM